

Nº 46 • 3 a 9 de Fevereiro de 1994 • 380\$00

VISÃO

Dossier
A nova vaga
fascista



EUSÉBIO E PELÉ Os negócios da bola



Foram futebolistas super-famosos. Agora, capitalizam os grandes golos que meteram. Histórias vividas à sombra de chuteiras milionárias

ACORES420\$00 MADEIRA400\$00 ALEMANHA8 DM BÉLGICA150 FB FRANÇA28 FF SUIÇA5,5 FS

O casal Fantasporto

O Festival Internacional de Cinema do Porto começa já amanhã. Você sabia quem é «o outro director» do «Fantas»?

TERESA CARMO

Que o Fantasporto é um grande Festival é sabido e ponto final. Começa a amanhã a edição deste ano e a visita é obrigatória. O que talvez se saiba menos é que a alma do evento não começa e acaba no conhecido Mário Dorminski. Beatriz Pacheco Pereira, 42 anos, que dá casa e pucarinho a estas bichezas do cinema desde os 9, é o outro «segredo»-chave deste sucesso. Felizmente, conheceram-se há 21 anos. Passados três, oficializaram a junção dos trapos, e vão quase 18.

Entretanto, contam com uma infundável série de projectos a dois (entre eles o João, de 11 anos), de que o Fantasporto é a feliz ponta do iceberg e, mais recentemente, o Centro de Audiovisuais, à Rua da Constituição.

A coisa teve início no Círculo Portuense de Ópera, onde ambos cantavam. Ela era soprano, ele tenor. E tanto estudou a situação que resolveu «investir pelo lado radical das coisas». O curioso é que Beatriz já era «uma senhora». Dava aulas, e dores no coração já levava duas. Mário, hoje com 38 anos, era um putinho do 6.º ano, com uma persistência do tamanho dele. «Acho que foi por saturação... O fulano não me largava!» O flash back impõe-se para dizer que, «ambos genuinamente do Porto», como se reclamam e é verdade, frequentaram os mesmos sítios, sempre sem o beneplácito daquele acaso (en)cantado. Apesar das infâncias muito diferentes,

CINEMA PARAÍSO Mário, de origens «claramente pequeno-burguesas», vivia à larga desde os 10 anos. E desde pequeno que era muito grande. «Matulão, sempre andei com os mais velhos. Porque não sentia nenhuma compatibilidade com a malta da minha idade.» Dos 10 aos 16, afunda-se em todas as experiências que lhe aparecem. «Má vida, era o que era», segundo Beatriz.

A mania da errância ficou-lhe talvez dos dias em que a família se lhe formou em trânsito. Durante a I Guerra Mundial, o avô conheceu na Polónia (aliás na Prússia,

que era o que se lhe chamava então) a sra. Dorminski e foram casar a Inglaterra, onde nasceu o pai. Este fez-se profissional de seguros e, nem de propósito, afeiçãoou-se à Garantia, proprietária do Coliseu do Porto. O que, muito simplesmente, significava bilhetes de borla e muitas sessões de cinema devoradas por semana. Mário foi uma espécie de menino do Cinema Paraíso, que teve mais do que uma cara. Era o Sá da Bandeira (que hoje passa pornográficos), o cinema do Terço, ao ar livre, e o Piolho (actual Carlos Alberto), onde faziam sessões duplas. «Aquilo tinha de dar três horas, fosse como fosse! Depois, vim a conhecer os projeccionistas, que me contaram como se fazia: grandes puxadelas de rolo, em que se cortavam às vezes metros e metros de película, só para caber.»

Mas nada fazia ainda prever que o cinema seria o seu caminho. «Eram tudo situações pontuais. O cinema era uma das saídas da pequena burguesia, nada disto era pensado em termos culturais.» Ele desenhava bem, atafulhou-se de prémios nos concursos de Natal e tinha, acima de tudo, dois hobbies: o minibásquete no Académico do Porto («cheguei a ser campeão nacional») e o bilhar, a que dedicava horas esquecidas. Às urtigas a escola. Via, como o poeta, o mundo todo da janela, pois «isto era tudo uma distância de metros. Morava em frente ao Académico, ao lado era o salão de jogos e a 140 metros o Cinema do Terço.»

FORTES E FEIAS Neste entretém, Beatriz era menina e moça recatada, de boas famílias e de liberdades convenientemente coarctadas. Tem raízes brasonadas, da parte do pai, Pacheco Pereira, e um grande entusiasmo pelo cinema por parte da mãe. «Sempre vivi rodeada de livros e de coisas bonitas. Mas enquanto o meu pai nos dava lições de História e Geografia, a minha mãe ajudava à festa por outro lado. Tenho imensos actores dos anos 20, 30 e 40 desenhados por ela.» Este «nos» refere-se a ela e ao irmão (só depois haveria de vir a mais nova), o multiverborreico deputado do PSD Pacheco Pereira, recentemente feito



Beatriz e Mário. Ela é a chave deste sucesso

estrela mediática. Mas ela pegava-se com os pais por favorecerem sempre o menino «só porque era rapaz». Crescia-lhe assiduamente uma raiva por não lhe darem dinheiro para o cinema. «Aconteceu-me muitas vezes em miúda ficar na sala de aula enquanto as outras iam ver filmes.»

Foi-lhe crescendo mais o fascínio, cultivado com um fervor colecionista de deitar mão a tudo o que houvesse a respeito das auráticas imagens. Anúncios de filmes nos jornais, fotonovelas com as caras dos artistas, «críticas» assinadas por nomes gordos do jornalismo. «Tudo isso vai aparecer nos papelinhos da Beatriz», diz o Mário, embevecido. «Coisas que serviram de base ao arquivo que temos agora», acrescenta ela. Ela, que se considera «de paixões fortes e feias», queria na

lúcia ia bater-me à porta e eu é que recebia as notificações», conta.

O TEMPO DOS M-L Novo flash back. Ambos recordam bem o dia em que o ferrete os marcou, aparentemente para sempre. A ele, foi aos 4 anos, com *O Príncipe e o Pobre*, no tal Sá da Bandeira. A ela, foi por via do teatro. Era amiga da mãe de Maria Clara, a grande senhora dos palcos e da rádio, que conhecia os do teatro e a levava a ver peças. Lembra-se concretamente de quase ter sido atingida por uma cadeira arremessada por Eunice, no arroubo d'*O Milagre de Anne Sullivan*, a que Beatriz assistia dos bastidores. A senhora é a avó do Júlio Machado Vaz, com quem brincou, e «muitas vezes se bateu com o irmão» por causa dela.

Dorminski, entretanto, decidira-se pela Arquitectura (que fez até ao 2.º ano), onde fervilhava a contestação política da linha extrema da dura esquerda. FEC m-l, nem menos. «No meu curso só havia um PC, dois PCP m-l e o resto era tudo FEC m-l.» Fala, como muitos, de várias cargas da Polícia antes do 25 de Abril, já com a autotemura que se tem pelas travessuras dessa época. Uma, em especial, ficou célebre. Arrancaram cento e tal para a PIDE, trouxeram de lá um que estava preso e vieram em manifestação por ali abaixo. A rua, 31 de Janeiro, não tinha saídas. Polícia montada em baixo, de choque em cima. Saídas só para os lados, e para os lados só havia montras. «Entrava-se pelas montras, pronto.» Mário partiu a da casa Veludo, a do papel higiénico Smart, e quase vai às lágrimas a contar o feito. Veio a saber mais tarde que um amigo entrou pela mesma montra que ele partira.

GAC Chega o 25 de Abril e, para encurtar razões, «foi muito marcante para a malta da nossa idade», diz Beatriz. Participam no programa do GAC, gravam os dois primeiros discos e depois surge a inevitável cisão que dá origem ao projecto d'A Feira. Cantaram por todo o país e, entre muitas, guardaram a imagem de Cunhal ao lado de Nossa Senhora, num quarto alentejano cedido gratuitamente para a pernoita, de uns gentis que lhe deram de mata-bicho bifés e anis, que era o melhor que tinham.

Dorminski começa a escrever para jornais. «Sempre como jornalista. Fiz o circuito todo — incêndios, acidentes, agenda —, mas era basicamente da área do espectáculo.» Esteve n'*O Primeiro de Janeiro*, depois no *Notícias da Tarde*, no *Jornal de Notícias* e finalmente no *Comércio do Porto*, onde teve «a grande experiência». «Chegávamos a ter 16 páginas. Num jornal diário!», entusiasma-se. Beatriz, que se estreara na escrita logo no jornal do liceu (*O Prelúdio*), fez um percurso semelhante (*Comércio, Notícias da Tarde*) e acabou

por se tornar uma das primeiras mulheres a escrever sobre cinema em Portugal. Foi a crítica da fundação de *O Semanário*, coisa de que poucos se lembrarão, e ela acha que o facto de «viver no Porto e ser mulher» pesaram na substituição.

OS PROFS DO PORTO Em 1978 criam uma revista de cinema (a *Cinema Novo*, que dará origem ao nome da cooperativa que hoje gerem), projecto artesanal e muito pensado, demasiado amado para ser prático, como é próprio destas coisas. Há algo, porém, que os torna bastante conhecidos do público. Foi o concurso televisivo *Écran Mágico*, da autoria de Jorge Leitão Ramos e Eduardo Geada, que tinha por júri Vicente Jorge Silva, Maria João Duarte, Isabel de Castro e Artur Semedo. Lembra-se dos «professores do Porto» que iam arrumando com o concurso à força de ganharem sempre? Exacto. Era um pré-*Cornélia* que tratava quase exclusivamente de cinema e teatro, o que era canja de bebé para o casal. Acabaram eliminados por José Jorge Duarte, na altura ilustre desconhecido, «com um sensacional número das 'pipóicas'». Ganharam toalhas, uma máquina de lavar e uma corda da guitarra de Carlos Paredes, que a partiu numa das sessões, e divertiram-se o que se imagina.

A conversa é sempre mais longa do que o registo, mas chega para dar uma ideia do delicioso processo que é assistir a uma conversa de memórias entre estes dois. Contradizem-se, desmentem-se, e estabelecem-se mutuamente uns mimos bonitos e discretos. Ele é o prático do casal, metódico e organizado, ao mesmo tempo que tem «ideias geniais» (conta Beatriz) com uma frequência impressionante. Ela burila-as, dedica-se a paixões eventuais e furiosas, mais (o livro recém-editado *Frankenstein*) e menos intelectuais (jardinagem, decoração e, agora, um cão). Pelo João é que há consenso. Babam-se de orgulho pelo rebento, objectivamente muito bonito. A palavras tantas, traz uns desenhos que se entretém a fazer depois de esgotados os jogos de computador e a paciência por estar à seca à espera do fim da conversa.

Cabe dizer que este casal fez uma revista, a primeira editora vídeo em Portugal de venda directa, o primeiro catálogo de venda directa, «espécie de Círculo de Leitores para o vídeo», e o inquestionável Fantasporto (a cujas questões a seu tempo a VI-SÃO dará cobertura). Falharam alguns porque «nasceram antes do tempo». Os visionários sempre tiveram estes pequenos escolhos. Têm mais projectos, mas avisam que se podem cansar. Não são ricos, podiam ser, e estão um bocadinho fartos de remar contra a maré, sente-se. Têm um projecto inovador, o Centro de Audiovisuais, se calhar também antes do tempo, sem quaisquer apoios. Francamente. ■

Tragédia triunfal

Sinais dos tempos: um encenador alemão apresenta um clássico grego no Teatro do Exército russo

MANUEL FALCÃO
Enviado especial

A moral, a justiça e o Estado são coisas raras, nas ruas de Moscovo, entregues a toda a espécie de candonqueiros, com os hotéis cheios de prostitutas, os casinos que florescem e os carros de luxo que passeiam indivíduos de aspecto mais que duvidoso. Podia ser Chicago nos anos 30, mas é, sobretudo, o palco ideal para representar uma tragédia grega sobre o crime e o castigo e reflectir acerca das suas metáforas.

A cena seria inimaginável ainda há poucos anos: no princípio da tarde de sábado passado, com as ruas cobertas de neve, uma multidão entrava no enorme Teatro do Exército russo, bem perto do Estádio Olímpico de Moscovo, para, durante sete horas seguidas, assistir à representação de uma das mais célebres tragédias gregas, dirigida por um alemão e interpretada por alguns dos melhores actores russos. Em palco iam passar as aventuras de Orestes, dirigidas por Peter Stein, o mais mítico de todos os encenadores europeus.

Entre a assistência viam-se muitos estrangeiros, a maioria oriunda da Alemanha, a testemunhar a enorme importância que Bona atribui às relações com Moscovo: há poucos meses, o Governo federal alemão patrocinou uma digressão de Pina Bausch pela Rússia e obteve um enorme êxito; agora, disponibilizou meios para que a maior estrela do seu teatro se dispusesse a viver durante quatro duros meses de Inverno numa Moscovo onde instabilidade é uma palavra demasiado suave para descrever a situação. A avaliar pela noite de estreia, conseguiu mais um sucesso.

Peter Stein encenou a peça, pela primeira vez, em 1980, no teatro de que foi um dos fundadores e um dos principais impulsores: o Schaubuhne, criado em Berlim Ocidental, em 1970, e que rapidamente se tornou um ponto de referência do teatro contemporâneo.

PARALELISMOS O encenador alemão, que não tem por hábito refazer encenações

de peças que já abordou, aceitou repórter *A Oresteia*, em Moscovo, porque pensou que esta tragédia de Ésquilo era particularmente adequada ao evoluir da situação na ex-União Soviética. A montagem de toda a produção, inteiramente revista, foi complexa e demorada. A ideia original de encenar *A Oresteia*, em Moscovo, com actores russos, data de 1988. A angariação de

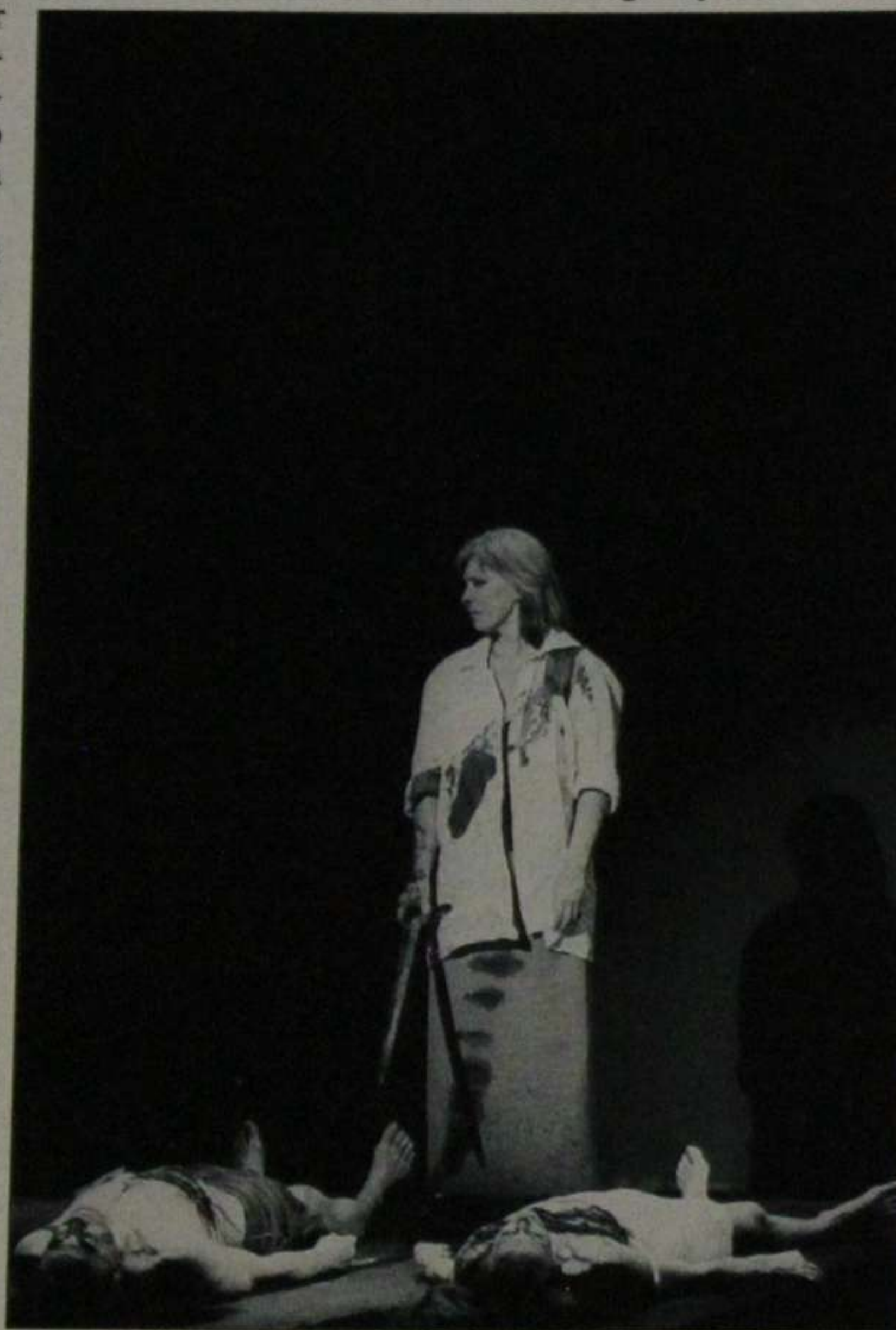
irmã, Electra, ele mata, por sua vez, a mãe e o amante. Depois de anos em fuga, é finalmente levado para Atenas, onde será julgado. E é aqui que se joga o conflito entre o pecado e a paixão, a culpa e o arrependimento, que se fala da moral e do Estado, do que é a justiça e do direito ao recurso de uma sentença. Para Stein, trata-se de uma peça sobre os fundamentos da democracia e foi por isso que se dispôs a refazê-la na Rússia.

A chegada a Moscovo, há quatro meses, o encenador salientou que, ao fim de 2 500 anos, a tragédia grega se revela mais actual que nunca, sublinhando que, na Europa de hoje, ela constitui um retrato da realidade.

LISBOA NO HORIZONTE *A Oresteia* é uma trilogia: *Agamémnon*, *As Coéforas* e *As Euménides*, e Peter Stein planeou apresentá-la numa versão dividida por dois dias de representações ou numa maratona de cerca de sete horas, com dois intervalos. Em relação à versão de 1980, estreada no Schaubuhne, as maiores diferenças a nível de encenação podem encontrar-se na terceira parte, a que descreve a fuga, a perseguição, a captura e o julgamento de Orestes. Nesta terceira parte, a mais retrabalhada por Stein (muito inspirado no teatro do absurdo de Vaclav Havel), o resultado é surpreendente — quer nos cenários, quer na encenação, quer no constante movimento dos coros.

A Oresteia fica em Moscovo até finais de Março e está presentemente em negociação a sua representação em Lisboa, no âmbito da programação da Capital Europeia da Cultura. O problema reside em arranjar parceiros que se disponham a suportar os cerca de 50 mil contos que custam a apresentação e a montagem do espectáculo, que já tem datas marcadas para se estreiar em Edimburgo, Roterdão e Paris.

Em declarações à VISÃO, Peter Stein confirmou o seu interesse em que a peça seja apresentada em Lisboa e afirmou-se disponível para, em Maio, fazer os preparativos eventualmente necessários. Stein, que nunca esteve em Lisboa, tem, no entanto, aqui, um grande amigo, que fez questão de recordar: Jorge Silva Melo. ■



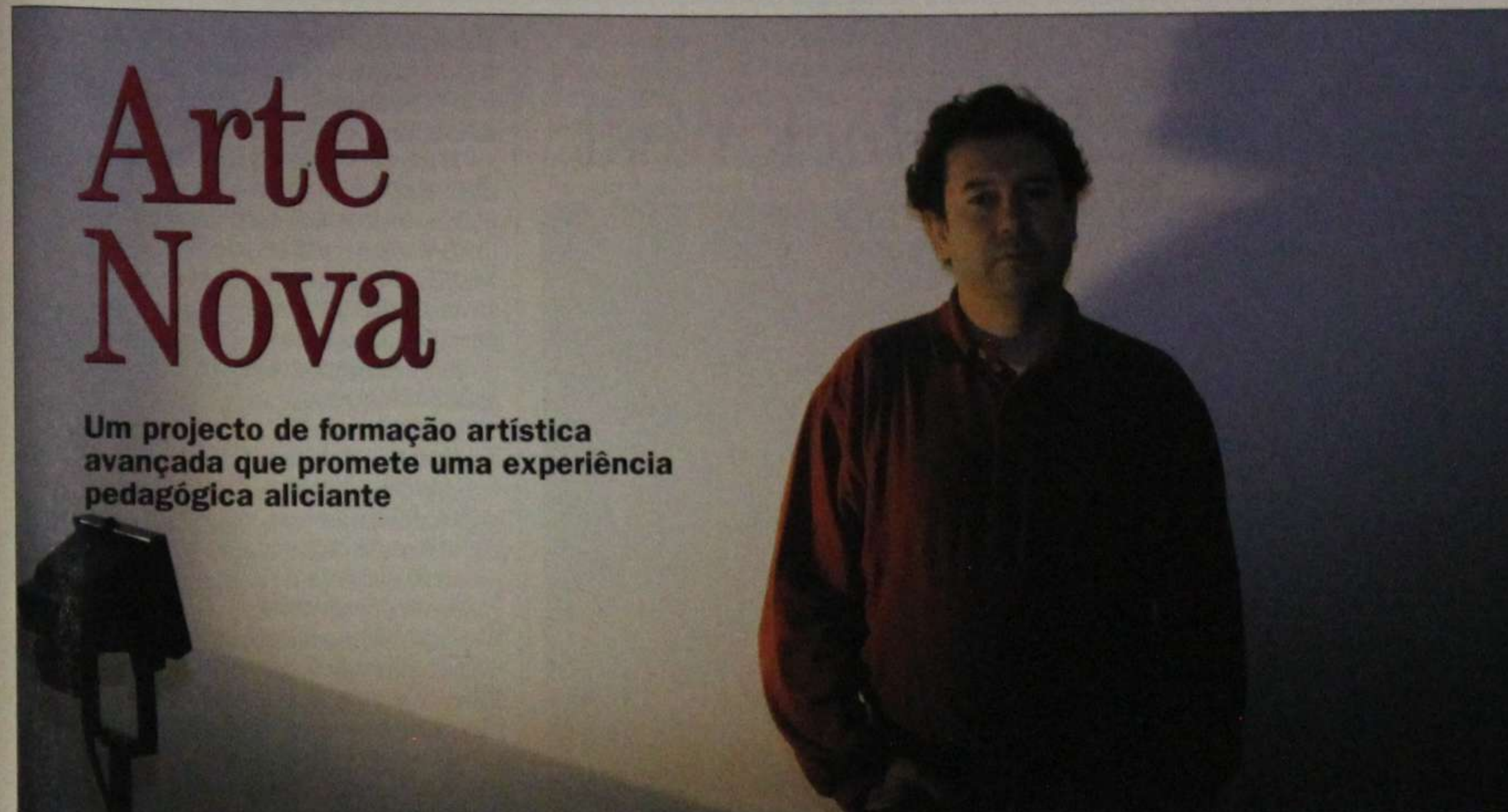
O princípio de *A Oresteia*: Agamémnon e Cassandra, mortos às mãos de Clitemnestra

patrocínios, a obtenção de autorizações, a adaptação do texto à língua russa e a escolha dos actores levaram anos. Finalmente, em Outubro de 1993, precisamente durante o golpe de Estado falhado, Peter Stein chegou a Moscovo, onde viveu nos últimos quatro meses.

Dividida em três partes, *A Oresteia* relata a vingança que o jovem Orestes planeia e executa, ao descobrir que a mãe e o amante haviam morto o seu pai, Agamémnon, para lhe roubar o poder. Instigado pelo deus Apolo e com a ajuda da

Arte Nova

Um projecto de formação artística avançada que promete uma experiência pedagógica aliciante



António Cerveira Pinto: «O que há mais são talentos perdidos»

TERESA CARMO

As Universidades estão a produzir desemprego. Em todas as áreas a produção de licenciados atingiu o ponto de saturação. Esta é uma das questões mais graves que afectam a maioria das sociedades desenvolvidas, e tem como corolário cada vez mais verdadeiro a necessidade de formação pós-graduada, de preferência permanente. Por outro lado, o ensino artístico em Portugal, demasiado burocratizado e, em muitos casos, caduco, está em clara ruptura. São estes os pressupostos de conjuntura que levaram seis sócios a formar uma escola «de formação artística avançada». Chama-se Aula do Risco e promete riscar e arriscar quanto basta.

O projecto constitui uma experiência pedagógica radicalmente diferente da que os alunos encontram no ensino convencional. É nesse sentido que o director da escola, António Cerveira Pinto, 41 anos, conhecido do público como crítico de artes plásticas de *n' O Independente*, fala de «estratégias de criatividade». «O ensino português está muito baseado na informação e na memorização. Ora, o problema, hoje, não é a memória. É muito mais uma questão de saber utilizar as memórias e a informação disponível», justifica. Feita a constatação, a Aula do Risco entende que duas coisas surgem como fundamentais: auto-informação e aprendizagem. Ambas dependem do aluno, só a informação depende da escola. «Não há nenhum grande profissional para quem a autoformação não tenha sido fundamental. Acreditamos que só o talento é inato, não o génio, mas o que há

mais são talentos perdidos. Da aprendizagem à produção de algo original, há uma série de estratégias onde nós podemos ajudar.»

CONTRIBUIÇÃO SOCRÁTICA Os 18 cursos previstos funcionam segundo o esquema de seminários, em que se pretende desenvolver as aptidões conceptuais dos criadores. São grupos pequenos, de dez a quinze pessoas, que assim bebem mais directamente da experiência profissional dos professores, eles próprios criadores, num espírito próximo do atelier. «É importante saber o que o aluno pretende fazer. A informação também é, mas mais que isso, a ajuda socrática, por assim dizer, do mestre-entre-aspas que está aqui para passar essa experiência.»

É assim que existem cursos com os nomes mais inesperados. Por exemplo, O Desenho Estratégico, dado por Mário Palma, ou o Design de Comunicação (Robin Flor e Paulo Ramalho), e A Fotografia como *Medium* (João Tabarra e João Louro), que pretende (de)monstrar como «o *medium* fotográfico já não pertence exclusivamente aos fotógrafos». Moda e Anti-Moda (Rui Duarte e Lidija Kolovrat), desenvolve «estratégias com base na informação, imaginação e no uso de uma teosoura muito irrequieta». Teatro-Música de Contacto (Peter Bastiaan e Rita Wengorowius) tem por objectivo actuações em teatros de rua. A escrita, «uma das áreas onde as inscrições se esgotaram mais depressa», propõe Escrita Criativa (Rui Zink), já com larga tradição, por exemplo, nos EUA. Por razões de espaço que não permitem falar de todos os cur-

sos, é indispensável aos interessados a consulta do programa curricular.

SABOR INTERNACIONAL São cerca de cem os alunos «escolhidos», que pagam, por cada curso, 112 contos (um conto a hora para 112 horas anuais). A Aula do Risco arrancou sem subsídios («porque não quisemos começar drogados, logo à nascença»), mas espera conseguir apoios, «nomeadamente comunitários em duas áreas fundamentais: a concessão de bolsas aos alunos e equipamento». O «sabor internacional» (Cerveira Pinto confessa que o ideal é vir a ter metade dos professores e alunos estrangeiros) tem a ver com as referências que norteiam o projecto, tão indiscutíveis e prestigiadas como a Cal Arts, na Califórnia, ou a Architectural Association, de Londres. O intercâmbio com entidades internacionais afins, é de resto uma das prioridades da Aula, com especial incidência na África lusófona.

E, apesar de Cerveira Pinto se demarcar, muito lucidamente, das chamadas vanguardas heróicas do modernismo (*vide* toda a reflexão da escola de Frankfurt), só com a consciência do atraso cultural sério que afecta o país se pode dar o primeiro passo para esboçar uma Nova e necessariamente diferente. Porque, com efeito, «a cultura deixou de ser a cereja que se põe no bolo para o decorar, para passar a ser um factor estruturante das sociedades modernas». Apesar da surdez endémica que ainda afecta quem de direito (a carapuça serve a quem a enfiar), talvez só com projectos deste tipo se supram as carências de formação que o ensino artístico envolve. É um risco, claro. ■